

CONGRESSO NLS 2024

“CLÍNICA DO OLHAR”

Apresentação do tema

Daniel Roy

A clínica do olhar tem uma origem bastante modesta no nosso meio. Salvo algumas exceções, que deverão ser levadas em conta, não tem nada de espetacular. Ela é concomitante da entrada em análise, quando, passando para o divã, o paciente se torna analisando, e não suporta mais o olhar do analista fora do seu campo visual.

Um corte – Um desejo

É a partir desse momento que o olhar surge como objeto separado, separado da troca da relação especular.

Foi dessa maneira que o olhar como objeto nasceu do desejo de Freud, quando este inventou o dispositivo analítico, mas também quando, em cada análise, o desejo do analista intervém para criar um campo onde o olhar pode se isolar como objeto separado.

O objeto olhar nasce, pois, de uma subtração, mais radicalmente, de um corte.

Podemos ainda questionar como essa dupla condição – um desejo incarnado em ato e a modalidade irreversível do corte –, que isola o olhar como objeto no nosso campo, se encontra também noutros campos: nas teorias estéticas dos filósofos e historiadores da arte, na prática artística, na prática amorosa, etc.

Mancha abjeta e brilho ofuscante

Voltando ao nosso campo, verificamos essa manifestação do olhar como objeto no tratamento, de cada vez que o analisando se vê como mancha na tela (*tableau*), muitas vezes como uma mancha pouco nítida ou, inversamente, quando começa a brilhar com as mil luzes de uma fala extravagante, para deslumbrar, até cegar, o suposto olhar do analista.

Encontramos muitas vezes esse movimento no tratamento das crianças, onde os desenhos, os jogos, as pantomimas são convocadas para o campo do visível, de modo a preencher a lacuna que a criança apercebeu no Outro, quando tem a tarefa de se confrontar com ela. Mas as anedotas, as histórias pitorescas, as intrigas refinadas transportadas pela voz na sessão dos sujeitos ditos adultos, têm igualmente por função suscitar a curiosidade do Outro, e saturar a sua atenção, ambas filhas da pulsão freudiana, pulsão escopofílica, para a curiosidade¹, pulsão epistemofílica, para a atenção².

Quatro perspectivas clínicas

O efeito de retorno do objeto olhar sobre o corpo falante abre quatro perspectivas clínicas para o nosso estudo.

É aí que começa toda *uma clínica da restituição do olhar no campo do Outro*, que visa contrariar o efeito do corte sob transferência³.

Essa clínica do olhar do Outro, que Lacan diz que devemos “concebe-lo como internalizado num signo [...], *Ein einziger Zug*”⁴, é a clínica do Ideal do eu, I(A), onde o sujeito pode se ver como amável ou odioso, conveniente ou inconveniente.

Clínica da neurose, se não esquecermos que esta é acompanhada *de uma clínica do olhar no fantasma*, onde ele se fixa como objeto de gozo, subtraído ou acrescentado ao Outro: é nesse lugar que Lacan deteta os dois traços de perversão chamados voyeurismo e exibicionismo⁵.

Esse nó do gozo e do Outro que o objeto olhar realiza é captado de forma muito explícita por Lacan em *Televisão*, a propósito de Dante e Beatriz: “Um olhar, o de Beatriz, isto é três vezes nada, um bater de pálpebras, e o requintado desperdício que daí resulta: e eis que surge o Outro que devemos apenas identificar com o gozo dela, aquele que ele, Dante, não pode satisfazer, pois dela ele só pode ter esse olhar, esse objeto com que, como ele diz, Deus a preenche”⁶.

¹ Freud S., *Trois essais sur la théorie sexuelle*, Paris, Gallimard, 1987, p. 121.

² *Ibid.*, p. 123 et p. 137.

³ Miller J.-A., « D'un regard, l'étrangeté », *La Cause du désir* n°102, Navarin éditeur, Paris, 2019, p. 4555.

⁴ Lacan J., *Le Séminaire*, livre VII, *Le transfert*, Paris, Seuil, p. 418.

⁵ Lacan J., *Le Séminaire*, livre VI, *D'un Autre à l'autre*, texte établi par J.-A. Miller, Paris, Seuil, 2006, chap. XVI.

⁶ Lacan J., « Télévision », *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 526-527.

Temos igualmente de explorar *a clínica do retorno do objeto olhar ao corpo*, do olhar como duplo da imagem especular, que mantém esta ou, ao contrário, a despersonaliza, a marca, a rasga até. Neste lugar surge uma outra questão clínica: onde localizar o olhar, e a sua função, na escrita do fenómeno psicossomático, mais bem denominado por Lacan de “falha epistemosomática”?

Há também *uma clínica do retorno do objeto olhar ao real*, onde este emerge como verdadeiramente desvinculado do corpo: “olhares errantes” do delírio de vigiância, que espreitam o sujeito à esquina de cada rua, em cada encontro. Um texto de Freud mostra-se aqui paradigmático, “Comunicação de um caso de paranoia em contradição com a teoria psicanalítica”⁷, onde o universo se torna totalmente olhar, ao qual o sujeito já não pode mais escapar. Lembremos aqui o desenho de uma paciente esquizofrênica, apresentada pelo Prof. Bobon, e mencionado por Lacan no Seminário *A angústia*⁸: uma árvore cujo tronco está coberto por uma série vertical de olhos que olham, “com uma guirlanda de sinais desenhados formando uma frase correta, a primeira desde há muitos anos, a frase chave do seu delírio - *Io sono sempre vista*, “sou sempre vista”⁹.

O olhar como a substância do gozo que se agrega ao mundo

É notável que estes dois últimos movimentos – retorno do olhar ao corpo e retorno do olhar ao real – se imponham massivamente hoje de fora do tratamento analítico. São os vetores no corpo social da ativação da função do olhar como pura substância de gozo, separada dos corpos vivos, que afeta em retorno.

O aparecimento do cinematógrafo e do cinetoscópio ao mesmo tempo no velho continente europeu e no Novo Mundo, nos Estados Unidos, precede de pouco o nascimento, sob a pena de Freud, da pulsão escópica que, juntamente com a pulsão da crueldade, “são já sentidas na infância como tendências autónomas, inicialmente distintas da atividade sexual erógena”¹⁰. São dessa época as perversões voyeurista e exibicionista: como o cinemascópio, elas recuperam para

⁷ Freud S., « Communication d'un cas de paranoïa en contradiction avec la théorie psychanalytique », *Névrose, psychose et perversion*, Paris, PUF, 1981.

⁸ Lacan J., *Le Séminaire*, livre X, *L'angoisse*, texte établi par J.-A. Miller, Paris, Seuil, 2004, p. 90.

⁹ Bobon J. « Leçon inaugurale (extraits) », *Ornicar ? Revue du Champ freudien*, n° 29, avril-juin 1984, Navarin éditeur, p. 162-165.

¹⁰ Freud S., *Trois essais sur la théorie sexuelle*, *op. cit.*, p. 119.

1- Lacan J., *Le Séminaire*, livre XI, *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, texte établi par J.-A. Miller, Paris, Seuil, 1973, chap. VI à IX, p. 65-109. (Du regard comme objet petit a)

seu gozo essa “tendência autónoma” do olhar, através de um dispositivo complexo, que convoca outros corpos para produzir o olhar.

Da mesma forma, o nascimento do olhar como objeto (a) no ensino de Lacan remonta à época da televisão, dispositivo que faz desaparecer a imagem projetada numa tela, em proveito da imagem que emerge do ecrã, para apresentar ao espectador tudo o que olha para ele, e não mostrar o que não lhe diz respeito (*ne le regarde pas*)... Lacan, no Seminário XI¹¹, extrai o olhar dessa armadilha, mais perigosa que a do quadro do pintor, que não existe sem o desejo do artista. Com efeito, a referida armadilha não é a do gozo do perverso, mas a do mais-de-gozar ao serviço do "senhor de amanhã", aquele que diz e mostra o que convém ver e ouvir hoje.

Hoje, o objeto olhar está no nosso bolso, na forma do telemóvel, do smartphone – no bolso ou na bolsa, porque ainda se observa uma certa diferença dependente do género, pelo menos entre os *boomers*. Para as novas gerações é mais simples: está na mão, indissociável do corpo que poderia dizer com razão: *io sono sempre visto!*

Hoje, os psicanalistas e profissionais da saúde são confrontados com uma nova clínica do olhar, uma clínica do olhar real, sem ecrã, inseparável do corpo imaginário; essa conjugação torna o Outro do significante precário, ou confuso, ou desordenado, ou mais radicalmente estranho e perseguidor, quando o inseparado se revela inseparável. É a clínica dos adolescentes do século, e temos de aprender a lógica desta com eles, apoiando-nos nos escassos grãos de areia que são os traços unários que lhes acenam, um por um, que assim os distinguem, e a partir dos quais eles podem ser distinguidos. Cabe-nos a nós distinguir esses “traços unários” na língua que lhe é comum, para aí acrescentar o nosso grão de sal.

Tradução portuguesa a cargo da Antena do Campo Freudiano – Portugal

¹¹ Lacan J., *Le Séminaire*, livre XI, *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, texte établi par J.-A. Miller, Paris, Seuil, 1973, chap. VI à IX, p. 65-109. (Du regard comme objet petit a)